



Indivíduo e comunidade: a conduta ética em Peirce e Freud

Ricardo Gião Bortolotti

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rua Quirino de Andrade, 215, 01049-010, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: ricardo.bortolotti@unesp.br

RESUMO. Este artigo tem por objetivo abordar as teorias de Peirce e de Freud com o intuito de esclarecer o que denominamos de 'conduta ética'. Não estabelecemos uma correspondência biunívoca entre ambas as teorias, dado que possuem preocupações e caminhos distintos, mas partimos da concepção de que o indivíduo isolado, encerrado em sua crença dogmática, cujo comportamento neurotizado o define, é fonte da ignorância, em termos da falta de pensar socialmente ou em termos de ignorar a astúcia de seu inconsciente. Para tal, utilizamos os textos do denominado primeiro pragmatismo, dado que a discussão de Peirce possibilita a comparação com o indivíduo problemático em Freud. Em relação ao psicanalista, trabalhamos os textos de suas Obras Completas, selecionados aqueles que se adequavam ao nosso intento, ou seja, que serviam para uma aproximação de dois modos de conceber o indivíduo isolado. Com efeito, para Peirce, o indivíduo deve ceder à opinião da comunidade de seres que pensam através de signos, assumindo, assim, uma atitude lógica, racional, e em conformidade com o método científico. Por sua vez, o foco na psicanálise conduz nossa atenção para o indivíduo improdutivo, incapaz de assumir uma atitude madura, orientando-se pelo princípio de realidade. Em suma, trata-se do indivíduo preso nas teias do desenvolvimento da libido no estágio pré-genital e sem a superação do complexo de Édipo, superação que o tornaria pronto para existir como pessoa, agindo conforme o princípio de realidade e conhecendo suas limitações.

Palavras-chave: cognição; complexo de Édipo; falibilismo; método científico; psicanálise; *sign*.

Individual and community: the ethics of productivity in Peirce and Freud

ABSTRACT. This article aims to address the theories of Peirce and Freud with the objective of clarifying what is called 'ethical conduct'. We do not establish a one-to-one correspondence between both theories, given that they have different concerns and paths, but we start from the conception that the isolated individual, enclosed in his dogmatic belief, whose neurotized behavior defines him, is a source of ignorance, in terms of the lack of social thinking or in terms of ignoring the cunning of their unconscious. Therefore, we use texts from the so-called first pragmatism, given that Peirce's discussion allows comparison between the problematic individual in Freud. As for the psychoanalyst, we worked on the texts of his Complete Works, selecting those that suited our intention, that is, that served to bring together two ways of conceiving the isolated individual. Indeed, for Peirce, the individual must yield to the opinion of the community of beings who think through signs, thus assuming a logical, rational attitude, and in accordance with the scientific method. In turn, the focus on psychoanalysis directs our attention to the unproductive individual, incapable of assuming a mature attitude, guided by the reality principle. Briefly, this is the individual trapped in the web of libido development in the pre-genital stage and without overcoming the Oedipus complex, a breakthrough that would make him ready to exist as a person, acting according to the principle of reality and knowing his limitations.

Keywords: cognition; Oedipus complex; fallibilism; scientific method; psychoanalysis; *sign*.

Received on October 17, 2023.

Accepted on February 6, 2024

Introdução

O tema atual pode parecer um tanto estranho haja vista a distância que separa ambos os autores selecionados, Peirce e Freud. Esse espaço não se refere apenas à cronologia, mas às preocupações de cada um. Enquanto Peirce se dedicava à ciência e à lógica, Freud buscava compreender o indivíduo determinado por um mundo próprio, alicerçado em si mesmo, cujo acesso somente seria possível a partir de sua 'ciência', baseada na hipótese do inconsciente. Assim, é razoável questionar as razões dos dois pensadores ao motivarem certa associação, ou seja, a que nos propomos. Malgrado isso, os dois fundaram áreas importantes para o

conhecimento da humanidade. Freud definiu, caracterizou e aplicou com êxito a psicanálise, enquanto Peirce foi um dos fundadores do pragmatismo e da semiótica filosófica.¹

Não é, no entanto, nas vastas abordagens e aplicações possibilitadas por cada universo teórico que elaboramos o nosso texto, mas na preocupação com a conduta do indivíduo sob certas condições. Para Peirce, o isolamento do indivíduo frente à comunidade de seres que pensam através de signos (Peirce, 1871) define a ignorância e o erro, formalizando o lugar do 'Eu' (Liszka, 1978). Com efeito, somente na interação de seu ego com o não-ego, resultado da falta de atenção ao testemunho de seu entorno, como é o caso de uma criança que, não ouvindo seus pais pode se ferir, que o indivíduo pode se tornar consciente de si mesmo, assumindo o erro cometido da ação isolada. O autor apresenta, pois, a importância do testemunho e do método científico na condução dos problemas e na busca da verdade. Freud, por seu turno, está preocupado com o indivíduo que não se liberta das condições pré-edípicas e edípicas, estados que se caracterizam pela determinação do caráter, e que o impede de viver de forma mais plena o seu dia a dia.

Em vista disso, a questão central, a que nos referiremos, é acerca de uma ética do indivíduo, sobre qual seria a melhor forma de conduta. Com uma tal preocupação, não nos parece tão descabida a associação nesses termos. Afinal, o que é considerado conduta boa: de um lado, a do indivíduo que aceita o método científico seguido pela comunidade, abandonando o seu egocentrismo; de outro, a do indivíduo que na relação com o outro integra-se ao mundo do trabalho, rejeitando um estado emocional que o prende à infância, sem condições de prosperar com o enfrentamento maduro da vida.

Por fim, a abordagem sobre Freud passa também por posições adotadas por Eric Fromm (1969), que possui um pensamento voltado para questões sociais. Na verdade, a motivação para a elaboração deste trabalho partiu da leitura da obra de Fromm, intitulada *Ética e psicanálise* (1969).

Para a boa compreensão do tema, este artigo foi dividido em duas partes: uma para o pensamento de Peirce e a outra para o de Freud. Em relação a Peirce, algumas características devem ser discutidas a fim de contextualizar a concepção de comunidade e de método científico, uma vez que a comunidade constitui a unidade dos resultados da investigação. Muito poder-se-ia expor a respeito das teorias de Peirce, como a sua fenomenologia, as ciências normativas e seu pragmatismo², mas nos restringimos aos textos do chamado primeiro pragmatismo (1868-1883), nos quais ressalta o papel da comunidade e o trabalho do método científico, ambos essenciais para a compreensão da realidade. Deveras, a escolha desse percurso esclarece o papel da logicidade, atribuída ao abandono da individualidade, cujo pensamento independe da universalidade da comunidade, a qual ultrapassa a finitude do indivíduo, além de ser pública, ou seja, aberta a todos que pensam através de signos (Haack, 1982). Assim procedendo, o indivíduo assume uma conduta correta, tendo aceito a falibilidade dos resultados da aplicação do método científico à experiência do real. Com essa apresentação do pensamento peirciano, apesar da magnitude de sua filosofia, de sua complexidade no tocante ao objeto de nossa exposição, esperamos que a adaptação realizada, com suas limitações, ao menos não obscureça o seu pensamento.

Quanto à segunda parte, dedicamos ao pensamento de Freud, expondo alguns elementos essenciais de sua teoria psicanalítica, e que atribuem várias formas de comportamento às repressões infantis, depositadas no inconsciente. Mesmo diante de traumas atuais, é comum a análise revelar elementos que remetem a algum estágio do desenvolvimento da libido. Com isso, este trabalho procura expor o indivíduo que permanece vinculado a condições pré-edípicas ou edípicas e que está em desvantagem em relação à sua integração na sociedade, uma vez que sua orientação determinou modos de conduta patológicos. O processo civilizatório exige grande parte da energia do indivíduo, inclusive o controle de sua agressividade. A satisfação deve ser encontrada tendo em conta o princípio de realidade, tornando o princípio de prazer adiado e, com ele, os desejos infantis reprimidos. Por conseguinte, a conduta ética somente pode advir do conhecimento de si, da superação das condições pré-edípicas, realizando-se no amor maduro e no trabalho.

Expostas as principais perspectivas a serem desenvolvidas neste trabalho, atentemo-nos às seguintes ressalvas: elaboramos este artigo como um experimento de laboratório, dado que associamos dois autores diversos, selecionando um tema para o cadinho experimental. A associação de pensadores nem sempre é vantajosa, mas pode ser enriquecedora se abrir portas para novas investigações. Foi dotado desse espírito que

¹ Conforme nos informa Haack (2001), William James foi quem cunhou o termo 'pragmatismo' como um termo filosófico e o tornou famoso, mas reconheceu que foi Peirce quem o introduziu pela primeira vez em 1870 no Clube Metafísico.

² Sobre o edifício filosófico peirciano há alguns bons estudos que recomendamos: Ibrí (1992), Silveira (2007), Santaella (1992) e Potter (1997). Um estudo sobre a mudança que a noção de comunidade assumiu nos seus últimos escritos, a partir dos aspectos normativo e religioso, consultar DeMarco (1971). Conforme DeMarco (1971), a perspectiva que assumimos neste artigo é acerca da concepção de realidade sob uma base metafísica e epistemológica, explícita nos textos de Peirce de 1867-1883.

produzimos este texto. Em relação à amplitude dos trabalhos do autor, um aspecto deve ser destacado: focalizamos nosso trabalho nos ensaios do período 1868-1883, sem, no entanto, descartar algumas alusões aos textos posteriores quando necessário para a compreensão de alguma passagem. Frisamos que o intento do trabalho é o de esclarecer a conduta do indivíduo isolado, e que pensa independentemente do método científico orientado pela comunidade. Para isso, selecionamos *'The fixation of belief'* (Peirce, 1877), na qual estão expostos os vários métodos de se estabelecer a crença, e que não possuem um princípio social, de integração à comunidade e autocorrigíveis, conforme o falibilismo. Com a conduta isolada, notamos certa semelhança com o indivíduo que age preso às suas condições pré-edipianas e edipianas, imaturo no seu relacionamento.

O processo cognitivo e o papel do signo na busca do conhecimento

Para compreendermos o papel do indivíduo e da comunidade, faz-se necessário, antes, caracterizar o processo cognitivo, sem, no entanto, deixar de observar a importância do método científico na busca da verdade. O processo cognitivo é fundado na tríade sógnica, que se estende do passado para o futuro, num contínuo de representações. Em 1868, o autor define o trabalho do signo, rejeitando a introspecção, a intuição, o pensamento independente de signos e o incognoscível (Peirce, 1868b).

A experiência aparece como fator importante na apreensão do mundo externo, uma vez que, com a rejeição da introspecção e da intuição, nossas representações são derivadas por um processo inferencial a partir do mundo externo. O próprio mundo interno não pode ser conhecido a não ser por meio de inferências e em relação ao mundo externo. Em outros termos, o que Peirce está defendendo é que não temos acesso às primeiras premissas que, possivelmente, deram origem à cadeia de representações (Peirce, 1868a). Tal concepção do trabalho do pensamento descarta qualquer tipo de imediatismo (Peirce, 1868a), ou seja, não se trata de um empirismo extremado, o qual se baseia nas impressões dos sentidos apreendidas pela mente sem mediações. Um exemplo facilitará o entendimento do leitor sobre a questão da mediação. Em *'Questions certain faculties claimed for man'* (1868a), Peirce afirma:

Uma pessoa pode distinguir entre diferentes texturas de tecido pelo tato; mas não de imediato, pois é necessário que seus dedos se movam sobre o pano, o que demonstra que ela é obrigada a comparar as sensações de um dado momento com as de um outro (Peirce, 1868a, p. 140)³.

Segundo essa definição da cadeia cognitiva, o significado de um pensamento é para ser encontrado no pensamento subsequente. A concepção peirciana de signo é triádica, conferindo dinamismo à cognição, distinta, portanto, da concepção dual de signo, que parte das teorias de Saussure. Esse dinamismo consiste num processo recorrente de signos remetidos ao futuro, e que se originam de inferências derivadas do mundo externo (Peirce, 1868a, p. 151, 158-159).

Em 1868, Peirce caracteriza o signo como tendo “[...] três referências: primeiro, é um signo *'para'* algum pensamento que o interpreta; segundo, é um signo *'de'* algum objeto ao qual, naquele pensamento, é equivalente; terceiro, é um signo, *'em'* algum aspecto ou qualidade, que o põe em conexão com seu objeto” (Peirce, 1868b, p. 169; itálico do autor)⁴. Em outros termos, o signo está no lugar do objeto para uma mente interpretante. E, como podemos notar pela noção de cognição, o signo é uma representação que se dirige a um interpretante⁵, um outro signo mais desenvolvido, constituindo uma cadeia orientada para o futuro. O interpretante é parte do signo, o seu significado, sem o qual teríamos apenas uma reação entre a representação e seu objeto, sem a atribuição do significado, o qual é outro signo. A característica processual é pelo fato de não haver significado no instante presente, o que, de outra forma, contrariaria a rejeição da intuição e do imediatismo.

O presente nada significa, a não ser que seja percebido enquanto experimentado e, portanto, enquanto passado, em direção ao futuro, projetado mediante uma inferência. Em vista disso, não há lugar para o incognoscível, dado que, para ser incognoscível, seria preciso antes *'ser'* cognoscível, ou seja, algo, *'primeiramente'*, representado a uma mente interpretante (Peirce, 1868a). Com efeito, podemos negar o que

³ Todas as traduções realizadas são de nossa responsabilidade.

⁴ “[...] a sign has, as such, three references: first, it is a sign *to* some thought which interprets it; second, it is a sign *for* some object to which in that thought it is equivalent; third, it is a sign, *in* some respect or quality, which brings it into connection with its object. Let us ask what the three correlates are to which a thought-sign refers”.

⁵ O termo *'interpretante'* — verificado apenas nos textos dos *Collected Papers* (CP) — foi primeiramente utilizado em 1867, no ensaio intitulado *'Sobre uma nova lista de categorias'* (Peirce, 1867), trabalho no qual o autor trata o interpretante como um mediador, uma representação. Em nosso artigo, a noção de *'interpretante'* está sendo utilizada para se referir à cadeia de signos desenvolvidos pela cognição, e que forma um contínuo em direção ao futuro. Em um trabalho apontado como sendo de 1866 o autor afirma (Peirce, 1866, p. 353): “You mean nothing which we have not taught you and then only so far as you address some word as the interpretant of your thought. In fact, therefore, men and words reciprocally educate each other; each increase of a man's information is at the same time the increase of a word's information and *vice versa'*”. Ver também Peirce, 1868b.

aparece à consciência, mas não a sua representação, atribuindo, pois, ao signo ‘cognoscível’ a partícula ‘não’, que ocorre dentro do processo temporal após a aparição do objeto recusado. Para o autor, “*Não, então, ou o que é diferente de um conceito, é um conceito do cognoscível. Consequentemente, não cognoscível, se for um conceito, é um conceito da forma ‘A, não-A’ e é, pelo menos, autocontraditório*” (Peirce, 1868a, p. 152; itálico e aspas do autor).⁶

Peirce rejeita, portanto, o incognoscível, dispensando a filosofia transcendental kantiana, a qual nega o acesso à coisa em si (Crelmer, 2007).⁷ Para o autor, não há realidade que não seja mediada por signos apreendidos de modo inferencial. O transcendentalismo pressupõe regras *a priori* universais que possibilitariam toda e qualquer experiência. Assim, o conhecimento somente ocorreria a partir da associação dos conceitos puros e da apercepção transcendental. Em contrapartida, Peirce propõe substituir o eu transcendental kantiano pela comunidade de seres que pensam através de signos, os quais, signos, possuem uma base triádica, e que caracterizam a cognição a partir de inferências sintéticas, ou seja, inferências derivadas da experiência (Apel, 1985).

Com a rejeição do incognoscível, a teoria de Peirce, como exposta, amplia o escopo do conhecimento, abandonando a coisa em si kantiana, e abrindo possibilidade ilimitada para quem procura trilhar o caminho do conhecimento. Sem entraves, a não ser a falibilidade de nossas hipóteses frente à experiência, a investigação mantém seu propósito de atingir a verdade dos fenômenos, não cedendo aos seus resultados atuais, como os obtidos no campo da energia nuclear, aos fenômenos ligados à concepção do universo, à formação dos planetas, a cura de certas doenças, a vida em outros planetas, etc. Não é à toa que Peirce afirme que o conhecimento da eletricidade em sua época havia avançado desde os dias de Franklin (Peirce, 1868b). Em outros termos, não podemos afirmar que um objeto tenha esgotado suas possibilidades de conhecimento, pois a concepção de Peirce é de um mundo de relações (Peirce, 1868a), as quais se revelam na investigação *in the long run*, ou seja, com a investigação conduzida suficientemente distante, a partir da comunidade, poderia resultar em um aumento do conhecimento do objeto ou da concepção em questão (Peirce, 1868b; Peirce, 1871). Acrescentamos, no entanto, que há certos fenômenos que satisfazem as condições do contexto em que atuam.

Nesse processo de conhecimento, veremos que a comunidade de investigação exerce papel fundamental no processo de atingir a última opinião acerca da verdade, situada no futuro (Peirce, 1878b; Peirce, 1871). Em suma: a teoria peirciana não bloqueia o caminho da investigação, mantendo acesa a chama do conhecimento em ampla escala.

Nesse processo sobressai o compromisso com a comunidade, em detrimento do indivíduo isolado. Onde chegaria o indivíduo finito? Como o conhecimento de um fenômeno atingiria suas mais complexas formas se a investigação não fosse além da finitude? (Misak, 1991). E, por fim, como o indivíduo, preso a sua crença dogmática, poderia afirmar com fundamento que tem acesso ao real? Para Peirce, um realista, as hipóteses acerca do real são falíveis, autocorrigíveis e orientadas pelo método aceito pela comunidade de seres que pensam através de signos, o que significa que ultrapassa o tempo de vida de um indivíduo, com a investigação orientada para o futuro. O método científico, como veremos, é a garantia de nossa associação com a comunidade (Apel, 1985).

Esses são alguns aspectos do pensamento de Peirce, relevantes para a compreensão do processo cognitivo.

Métodos de fixar a crença e a importância da crença autocorrigível e pública

A teoria da cognição de Peirce apresenta o conhecimento como um contínuo de signos em direção ao futuro. Bloquear esse movimento é barrar o processo de conhecimento. Um método específico que estimula esse dinamismo, estando associado ao real e às condições de aprendizagem do autor, é o científico. Antes, porém, de abordarmos esse método, umas poucas palavras acerca da noção de crença, uma teoria exposta nos textos de 1877, e que tem o propósito de conferir à teoria da cognição um solo firme, liberando-a do céu do pensamento.

Para o autor, crença é um hábito que determina nossas ações (Peirce, 1877). A teoria da cognição e o contínuo de signos condizem com o hábito enquanto estado que caracteriza a ação do indivíduo no mundo externo, a partir de hipóteses que não contrariam a experiência, embora nossas hipóteses não sejam infalíveis (Misak, 1991). A falha de nossas hipóteses, por sua vez, tendo em vista a experiência, conduz à conduta

⁶ “‘Not’, then, ‘or what is other than’, if a concept, is a concept of the cognizable. Hence, not-cognizable, if a concept, is a concept of the form ‘A, not-A,’ and is, at least, self-contradictory”.

⁷ Ibrri (2020, p. 236, itálico do autor), numa abordagem esclarecedora sobre o estabelecimento de crenças e os interpretantes, afirma, em relação à coisa em si kantiana, que “[...] o que nunca adentra um teatro de reações não pode ser considerado ‘real’”. E faz alusão ao texto de Peirce (1868b), completando a sua afirmação anterior: “Ser real e ser cognoscível são, na filosofia de Peirce, expressões equivalentes” (Ibrri, 2020, p. 1236).

errática, gerando dúvida e estimulando a investigação para a elaboração de novas hipóteses. Com efeito, a dúvida significa que nossas ações contrariam o hábito adquirido, despertando a investigação para a busca da correção ou de uma nova crença.

Veremos, a seguir, como há métodos que ‘funcionam’, mas impedem o movimento do pensamento em prol de mudanças, opondo-se à aprendizagem. Contrariando essa postura, Peirce afirma que todo aquele que procurar comparar suas ideias com os dados da experiência, procurando corrigi-las, será reconhecido pelos cientistas “[...] como um irmão, por menor que seja o seu conhecimento” (Peirce, 1897, p. 60).⁸

Chamamos a atenção, ao caso de resistência à aprendizagem, para as teorias de Freud, que serão apresentadas no próximo tópico, e que compararemos com o indivíduo que não se integra como deveria devido a certos bloqueios. Mas deixemos essa discussão para o tópico dedicado a Freud.

Assim, em 1877, no ensaio ‘*The fixation of belief*’ (Peirce, 1877), o autor enumera quatro métodos: da ‘tenacidade, da autoridade, a priori e da ciência’. Todos servem para o intento específico do pensamento, que é o de atingir a calma, estabelecendo um hábito de ação, porém apenas o científico possui o poder de se autocorrigir baseado na experiência (Silveira, 2014). A questão sobre a hipótese sugerida ser correta ou não somente a reflexão fundada na experiência poderá conduzir a investigação (Misak, 1991).

Vejamos, antes da exposição do método científico, os três métodos de estabelecer a crença (Peirce, 1877) Todos os três possuem modos de determinar a conduta que dispensa a reflexão baseada na experiência, barrando o trabalho da investigação na busca da verdade do objeto em questão. Podemos resumir cada um dos três métodos, afirmando que o método da tenacidade é aquele em que o indivíduo repete para si a crença que defende, fugindo de opiniões contrárias. É o que faz a avestruz, ao colocar a cabeça no buraco, negando o perigo que a rodeia (Peirce, 1877). Mas qual a eficácia desse método? Certamente serve à crença dogmática, sem qualquer consideração com a realidade e com novas hipóteses acerca do real.

O método da tenacidade parece dominar apenas o indivíduo isolado, exigindo um método mais seguro, e que controle melhor a opinião da massa. O método denominado de ‘autoridade’ contribui para isso. Com ele, a autoridade do Estado toma as decisões, podendo manipular a massa, afastando todas as ideias que possam colocar em perigo a autoridade (Peirce, 1868c). A história é testemunha da aplicação desse método. Comunidades permanecem condicionadas a algum tipo de autoridade que, com o auxílio da violência, tanto em termos de promessas não cumpridas como também da força bruta, impõe trabalhos a serem realizados. É o caso das pirâmides do Egito e das grandes construções que a história revela (Peirce, 1877). Nos dias atuais, podemos observar países que ainda fazem uso desse método (Ibri, 2020). Entretanto, sempre haverá indivíduos que ultrapassam em inteligência a massa, e que podem se rebelar contra a ela. Portanto, não é um método eficaz.

Um método mais eficiente, e que envolve autorreflexão, é o método denominado de *a priori*, no qual regras são estabelecidas e deduzidas. É mais sutil, baseado na razão, mas não substitui o método científico, uma vez que valoriza as preferências pessoais, as quais não contrariam as normas criadas pelo raciocínio (Peirce, 1877). Observamos esse método de Platão a Hegel, sem que haja anuência quanto às contradições surgidas do mundo natural. Solucionar os conflitos com movimentos internos à razão revela somente o que a ela é agradável. A falha na consideração dos fatos que contrariam as crenças assumidas pelas condições transcendentais suscita questionamentos e abandono do método, embora seja, em relação aos outros dois, mais condizente com a razão.

Os três métodos apresentados distanciam-se da realidade externa, incapazes de utilizarem meios para contrariar suas crenças. Embora o método *a priori* esteja em melhores condições, busca sua racionalidade nas deduções de regras transcendentais, cego aos fatos. Daí Peirce propor um método sob o qual nossas crenças não sejam determinadas por algo humano, mas por algo externo e regular, “[...]por algo sobre o qual nosso pensamento não tem efeito” (Peirce, 1877, p. 242).⁹

O método que se coaduna com essa proposta é o ‘científico’, o qual não se atém à opinião individual, mas trabalha em prol da continuidade do pensamento, vinculada à opinião consensual da comunidade, cuja meta está nos resultados alcançados da investigação sobre o real. Diante disso, somente o futuro indefinito pode determinar o lugar da verdade. Além do vínculo com a opinião da comunidade, o método é inteiramente falível e voltado para a experiência. Portanto, é um método que possibilita a investigação desenrolar-se criticamente sobre seus resultados, mantendo-os conforme suas hipóteses sejam compatíveis com o real.

⁸ No original: [...] as a brother, no matter how small his knowledge may be.

⁹ No original: [...] by something upon which our thinking has no effect.

Mas como o autor caracteriza o real? Em suas palavras:

Há coisas Reais, cujos caracteres são inteiramente independentes de nossas opiniões sobre eles; esses Reais afetam nossos sentidos segundo leis regulares e conquanto nossas sensações sejam tão diferentes quanto nossas relações com os objetos, poderemos, valendo-nos das leis da percepção, averiguar, através do raciocínio, como as coisas realmente e verdadeiramente são; e qualquer homem, desde que tenha bastante experiência e raciocine suficientemente sobre isso, será conduzido à conclusão única e Verdadeira (Peirce, 1877, p. 243).¹⁰

Essa concepção envolve, de um lado, nossas ‘impressões sensoriais’¹¹, de outro, o raciocínio, que conduz à última opinião da comunidade. Assim concebido, o real, embora independa da opinião individual isolada, ele é compreendido através da ‘regularidade’ com que afeta nossos sentidos, sendo, pois, trabalhado mediante a capacidade de raciocinar de todos aqueles que, porventura, conduzirem a investigação suficientemente distante.¹²

A aplicação do método científico, como vimos, parte do real, parte do que é regular, distinguindo-se da mera ficção. Assim sendo, não varia para cada mente, mas, sim, quanto aos resultados das hipóteses elaboradas, que são falíveis e corrigíveis em relação ao futuro da investigação. Diante disso, o indivíduo isolado não teria qualquer garantia de atingir uma opinião consistente com o real, na medida em que sua finitude o impediria de levar a investigação longe o bastante a fim de atingir a última opinião da comunidade. Não se pode negar que, para alguns casos específicos, e de aplicação imediata, algum resultado pode ser verificado de modo satisfatório (Peirce, 1871).¹³ Na verdade, o universo de possibilidades, inerente a qualquer objeto, constitui um contínuo que não se esgota, convergindo para uma última opinião: “[...] a existência do pensamento agora depende do que está por vir; de modo que ele tem apenas uma existência potencial, dependente do futuro pensamento da comunidade” (Peirce, 1868b, p. 189).¹⁴

Somente com o sacrifício de nossas posições individuais em prol do método científico, adotado pela comunidade, poderíamos vislumbrar o caminho que nos revelaria a verdade do real, ou seja, a própria realidade. Diante disso, assumir o método científico, o falibilismo que o acompanha e a continuidade de investigação por todos que se identificam com a comunidade de seres que pensam através de signos, significa assentir com uma ‘postura ética’ frente ao conhecimento que possamos adquirir em prol da verdade, ou seja, na busca da crença científica (Apel, 1982). Acerca dessa inserção na comunidade, Apel (1985, p. 167; grifo do autor) afirma que “[...] implica um compromisso social e moral de todos os membros da Comunidade de Investigadores, justamente em virtude do ‘falibilismo’ ou do ‘meliorismo’ de todas as convicções.”¹⁵

O indivíduo, em sua finitude, estaria impedido de conduzir a investigação longe o suficiente, porém, ao acatar o método que o vincula à comunidade de investigadores, a qual ultrapassa o seu limite de vida, refaz suas conclusões frente às discordâncias das crenças em relação à experiência. Tal atitude é condizente com o princípio social da lógica (Peirce, 1868c), o qual, princípio, determina que o melhor caminho está na adesão à comunidade, abandonando seus interesses particulares, mais condizentes com as crenças dogmáticas.

Indivíduo e comunidade

Iniciamos este tópico com uma citação longa de Peirce, mas que sintetiza o papel do indivíduo e da comunidade:

Parece-me que somos dirigidos para isso, que a logicidade requer inexoravelmente que nossos interesses não sejam limitados. Eles não devem ser interrompidos por nosso próprio destino, mas devem abranger a toda comunidade. Tal comunidade não deve ser limitada, mas deve estender-se a todas espécies de seres com as quais nós podemos entrar em imediata ou mediata relação intelectual. Deve alcançar, contudo, vagamente, além dessa época geológica, além de todas as fronteiras. ‘Quem não puder sacrificar seu próprio espírito para salvar a todos, é, como me parece, ilógico em todas as suas inferências, coletivamente’ (Peirce, 1878a, grifo do autor).¹⁶

¹⁰ No original: *There are Real things, whose characters are entirely independent of our opinions about them; those Reals affect our senses according to regular laws, and, though our sensations are as different as are our relations to the objects, yet, by taking advantage of the laws of perception, we can ascertain by reasoning how things really and truly are; and any man, if he have sufficient experience and he reason enough about it, will be led to the one True conclusion.*

¹¹ Segundo Murphey (1961, p. 71), Peirce, por “[...] impressão dos sentidos [...]”, refere-se aos “[...] estímulos neurais [...]”, um modo de evitar cair no imediatismo condenado por ele.

¹² Confira também Peirce, 1878b, Sobre a noção de real e a discussão sobre o realismo escotista, confira Peirce, 1871.

¹³ Ressaltamos um aspecto importante tratado por Peirce (1894/1895, p. 172) e retomado por Silveira (2014, p. 161-162), e que apresenta a ciência sendo aplicada no dia a dia de uma dona de casa às voltas com a produção de uma torta de maçã. A dona de casa tem uma conduta determinada por normas e um propósito. Com o passar do tempo, a cozinha evolui em sua aprendizagem, confrontando o geral com o particular, “[...] resistindo às representações, coloca-as em cheque (sic) fazendo-as avaliarem-se e evoluírem” (Silveira, 2014, p. 163).

¹⁴ No original: *[...] the existence of thought now depends on what is to be hereafter; so that it has only a potential existence, dependent on the future thought of the Community.*

¹⁵ No original: *[...] supone un compromiso social y moral de todos los miembros de la Community of investigators, justamente em virtude del ‘falibilismo’ o del ‘meliorismo’ de todas las convicciones.*

¹⁶ No original: *It seems to me that we are driven to this, that logicity inexorably requires that our interests shall not be limited. They must not stop at our own fate, but must embrace*

Desta passagem de Peirce, observamos dois pontos importantes, discutidos no decorrer de nossa exposição. O primeiro trata da noção de comunidade concebida como sendo um consenso que ultrapassa as fronteiras de nossa espécie e da própria finitude do indivíduo. O segundo apresenta ‘o abandono da posição individual como sendo uma escolha ética, o chamado socialismo lógico ou princípio social da lógica’ (Peirce, 1878a, Peirce, 1868c); em outros termos, aderir ao pensamento da comunidade significa assumir uma postura lógica.

Notamos, pelas palavras do autor, que a comunidade ultrapassa os interesses dos indivíduos e que, para assumir uma posição conforme a logicidade, requer que nossas disposições individuais sejam abandonadas em prol do consenso da comunidade, a qual, comunidade, ultrapassa os limites geológicos, atingindo todos os seres que pensam através de signos (Peirce, 1871); Silveira, 2014). Em outras palavras: a comunidade não se restringe a uma coletividade histórica determinada, mas se estende a todos os seres que possam ter uma relação intelectual (Peirce, 1871; Peirce, 1878a). Segundo Apel (1985, p. 188; grifo do autor), consiste numa comunidade ideal, ou seja, “[...] como ‘um meio intersubjetivo de acordo’ sobre as condições conceituais da possibilidade e validade para descrever e explicar dados observáveis”.¹⁷ Em vista disso, portanto, como situar o indivíduo isolado, que atua independente da comunidade? Sobre esse indivíduo, lemos em Peirce (1868b, p. 189) “[...] sua existência separada se manifesta apenas pela ignorância e o erro, à medida que ele é alguma coisa afastada de seus companheiros; e do que ele e seus companheiros possam ser, é apenas uma negação”.¹⁸

A noção de comunidade está associada à noção de realidade, visto que o indivíduo se ilude com o conhecimento centrado em si mesmo, independente do testemunho, o qual permanece gerido pelo método científico consensual. Em 1868, (Peirce, 1868a), o autor brinda-nos com o exemplo da criança que não obedece à advertência da mãe e se aproxima do forno, queimando-se. Nesse caso emblemático a ignorância e o erro estão relacionados ao eu privado (Peirce, 1868a).

Em ‘*Consequences of four incapacities*’ (Peirce, 1868b), Peirce torna mais clara a relação entre a noção de realidade e a de comunidade, reforçando o uso do método científico enquanto gerenciador de nossas cognições, sem que estas se tornem infalíveis, distinguindo-se das cognições do indivíduo isolado. Em suma: cabe à comunidade alcançar a unidade das interpretações obtidas através da aplicação do método científico. Com o autor:

E o que nós queremos dizer por real? É uma concepção, a qual nós primeiro tivemos quando descobrimos que havia um irreal (*unreal*), uma ilusão; isto é, quando primeiro corrigimos a nós mesmos. Agora, a distinção para o qual sozinho esse fato logicamente pede, é entre um *ens* relativo às determinações privadas interiores, para as negações que pertencem à idiosincrasia, e um *ens* tal como poderia ser representado ao longo do tempo (*in the long run*). O real, então, é aquilo que, cedo ou tarde, informação e raciocínio poderiam finalmente resultar, e que é, portanto, independente das minhas e de suas fantasias. Assim, ‘a própria origem da concepção de realidade mostra que essa concepção envolve essencialmente a noção de COMUNIDADE, sem limites definidos, e capaz de um definido crescimento do conhecimento (Peirce, 1868b, p. 186-187).¹⁹

A comunidade ocupa o lugar do sujeito transcendental kantiano, descartado o apriorismo (Apel, 1985), mas validando a experiência e os resultados da investigação, os quais são falíveis quanto à discrepância entre a cadeia cognitiva e a opinião da comunidade acerca do real. O que está em jogo é o princípio social da lógica, proclamado por Peirce (1868c), e que celebra o abandono de nossas concepções subjetivas em prol das inferências realizadas pela coletividade, e que não se coadunam com o tempo finito, mas se direcionam ao futuro indefinido. Por outro lado, poderíamos perguntar se o ser finito, a partir dos resultados alcançados, conseguiria esgotar o universo de informações referentes a um fenômeno.

A comunidade, como uma ‘ideia reguladora’, impulsiona a busca do conhecimento para além da finitude da espécie humana, ampliando o escopo do conhecimento dos fenômenos. Daí a logicidade de nossas concepções corresponder a uma ‘atitude ética’, em que está envolvido o autossacrifício de nosso eu individual em prol da coletividade. Nesse sentido, ‘ser lógico’ é sinônimo de autocrítica, de reflexão, uma vez que aceitar concepções motivadas pela subjetividade, sem, no entanto, atentar para a experiência e a concepção de

the whole community. This community, again, must not be limited, but must extend to all races of beings with whom we can come into immediate or mediate intellectual relation. It must reach, however vaguely, beyond this geological epoch, beyond all bounds. ‘He who would not sacrifice his own soul to save the whole world, is, as it seems to me, illogical in all his inferences, collectively’.

¹⁷ No original: [...] como ‘medio intersubjetivo del acuerdo’ sobre las condiciones conceptuales de posibilidad y validez para describir y explicar datos observables.

¹⁸ No original: *The individual man, since his separate existence is manifested only by ignorance and error, so far as he is anything apart from his fellows, and from what he and they are to be, is only a negation.*

¹⁹ No original: *And what do we mean by the real? It is a conception which we must first have had when we discovered that there was an unreal, an illusion; that is, when we first corrected ourselves. Now the distinction for which alone this fact logically called, was between an ens relative to private inward determinations, to the negations belonging to idiosyncrasy, and an ens such as would stand in the long run. The real, then, is that which, sooner or later, information and reasoning would finally result in, and which is therefore independent of the vagaries of me and you. Thus, ‘the very origin of the conception of reality shows that this conception essentially involves the notion of a COMMUNITY, without definite limits, and capable of a definite increase of knowledge’.*

realidade caracterizada pela opinião da comunidade, é como aceitar que o vinho é sangue e o pão carne, independente de suas características reais, que produzem efeitos reais, ou seja, efeitos ‘concebidos’ da aplicação do método científico (Peirce, 1878b).

Em vista disso, um ponto deve ser destacado: a reflexão não acontece baseada em deduções a partir de regras *a priori*, mas do confronto com os fatos, ou seja, é a experiência que enseja novos elementos para o pensamento investigativo. O falibilismo está no cerne dos resultados alcançados por todos que investigam, conduzindo, a partir de generalizações cada vez mais elevadas, à aproximação da verdade.

A partir dessas considerações, podemos dizer que abraçar a teoria social da lógica ou o socialismo lógico é acatar o método científico, que rejeita todos os tipos de negacionismos, conduzindo a investigação na busca da última opinião da comunidade. Sem sombra de dúvida, tal postura estaria em conformidade com quem tem na verdade e na ciência móveis condutores de uma vida dedicada ao conhecimento, impedindo-se de assumir atitudes que bloqueariam a investigação. Como tivemos a oportunidade de observar, os métodos que detêm o dinamismo da cognição tolgem a compreensão do real ao negarem a adequação das hipóteses que formulam quanto às exigências da comunidade.

Assim, no contexto discutido, podemos afirmar que a resistência ao abandono do egocentrismo, apegando-se a opiniões isoladas, corresponde à conduta errática e ilógica, enquanto a associação com a comunidade de seres que pensam através de signos significa aceitar a falibilidade de nossas concepções, conduta que condiz com uma atitude ética perante o conhecimento público e aberto a todos que buscam o conhecimento.

A seguir, veremos como, a partir das teorias de Freud, predomina uma orientação dita ‘correta’, tratando-se do homem que possui uma orientação genital, dirigindo-se com responsabilidade acerca de seu estado emocional. As orientações pré-genitais serão tratadas como fontes de vários comportamentos patológicos, incapacitando o indivíduo para uma vida mais plena. O indivíduo que não ama e não trabalha, na visão de Fromm (1969), não está integrado à comunidade, da mesma forma que o indivíduo que se abala com sua neurose, com sintomas que o impede de obter satisfação dita “madura”, ou seja, de alguém que tenha superado os entraves que o prendiam em fases pré-genitais e na falha da superação do complexo de Édipo.

Freud e a possibilidade de uma ética do indivíduo integrado

Com a exposição do pensamento de Peirce, observamos o papel do indivíduo isolado, que não abandona o seu desejo em prol da reflexão. Com Freud, descortina-se outro mundo, que revela as patologias e as dificuldades que o indivíduo apresenta e sua tentativa de se integrar à sociedade. Nesse caso, o problema está, segundo o autor, no controle de nossos impulsos instintuais. A civilização cobra uma grande taxa de nossos desejos mais primitivos, mantendo continuamente exigências que, para muitos, são excessivas. A questão, a nosso ver, encontra-se no desenvolvimento do ser humano, na sua transformação em um cidadão adaptado, que vive em comunidade. Embora não tenha trilhado *pari passu* o caminho que percorreu Eric Fromm, em *Ética e psicanálise* (1969), autor que defende que o problema se encontra na dificuldade de amar e no trabalho produtivo, voltando-se para teorias de cunho social, para Freud o indivíduo problemático estaria preso às condições pré-genitais e na dificuldade em superar o complexo de Édipo de uma maneira satisfatória. No fundo, o trajeto infantil da libido, suas fixações, permanecem no adulto. Não é à toa que o autor afirme ser a criança o pai do homem (Freud, 1995)²⁰, referindo-se exatamente à atemporalidade do inconsciente, ou seja, nossos desejos mais intensos não foram extirpados de nossa vida psíquica, participando das diversas formas de comportamento do indivíduo. Suas recentes frustrações, sonhos, esquecimentos, atos falhos, inibições e gostos são frutos das fixações originadas nas fases da libido em seu desenvolvimento, enquanto a criança cresce, em termos biológicos e em termos de disciplina para seu pertencimento à sociedade.

Diante disso, o que poderíamos dizer em relação à consideração de uma ética em Freud? Nossa perspectiva de análise é influenciada pela leitura de Eric Fromm (1969), embora saibamos que esse autor se preocupa com o meio social e suas mazelas, enquanto Freud se apegava às questões do desenvolvimento da libido e seus problemas na estruturação do caráter.

A justificativa de observar uma ética em Freud caracteriza-se por aqueles casos em que o indivíduo não consegue se libertar de seus desejos infantis, gerando um comportamento doentio diante da sociedade, impedido de encontrar um meio satisfatório para conduzir a sua própria vida. Os exemplos fornecidos pelo autor no desenvolvimento do caráter e nos comportamentos mais avessos à própria sociedade são inúmeros.

²⁰ Frase atribuída ao poeta inglês William Wordsworth (1770-1850).

Uma pessoa que desenvolve uma neurose qualquer pode, obviamente, viver sem grandes problemas com os seus sintomas; no entanto, há pessoas que evitam um comportamento mais condizente com o meio em que vivem e consigo mesmas em prol de certa passividade. Por outro lado, um obsessivo pode entregar-se compulsivamente a repetições intermináveis que o dificulta de ter uma vida mais plena. Do mesmo modo, o herdeiro do complexo de Édipo, o superego, conforme sua rigidez, impossibilita o indivíduo a viver de modo mais eficiente em termos de realização de seus desejos. Voltar-se para pensamentos ditos ‘pecaminosos’, levam-no à culpabilização e à busca de punição.

O desenvolvimento da sexualidade, com suas fixações e repressões, fonte da geração futura de neuroses e de outras enfermidades mais complexas, como as psicoses, pode ser constatada em várias obras. Dentre todas, e de importância primordial, encontra-se *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1987a, 1987b), na qual observamos como nossos sonhos e desejos atuais estão entrelaçados aos desejos infantis. O sonho é a realização de desejos, e suas imagens, enquanto latentes, representam desejos infantis reprimidos. Podemos dizer que há uma continuidade desde os primeiros momentos do recém-nascido aos dias atuais. O depósito dessa vida que permaneceu ‘esquecida’, e que passou pela disciplina civilizatória, está no inconsciente, local de difícil acesso. Contudo, Freud, em suas sessões de análise, observava essa vida esmaecida como a um sítio arqueológico antigo, cujas estruturas permaneceram em ruínas, mas que servem para confirmar a sua existência. Os neuróticos e os perversos apresentam provas suficientes sobre esse ‘mundo perdido’: os sintomas ou o comportamento falam sobre a vida infantil, o que vivenciaram e o que reprimiram. É caso de um rapaz que sofria de neurose obsessiva, cuja análise possibilitou a Freud a compreensão da mente inconsciente:

Ele estava impossibilitado de sair à rua porque era torturado pelo medo de matar toda pessoa que encontrasse. Passava seus dias preparando um alibi para a eventualidade de ser acusado de um dos assassinatos cometidos na cidade. Desnecessário acrescentar que era um homem de moral e educação igualmente elevadas. A análise (que, aliás, o levou a recuperar-se) mostrou que a base dessa torturante obsessão era um impulso de assassinar seu pai extremamente severo. ‘Esse impulso, para surpresa dele, fora conscientemente expressado quando tinha sete anos, mas se originara, é claro, numa fase muito anterior de sua infância’ (Freud, 1987a, p.287, grifo nosso).

Neste trecho de *A interpretação dos sonhos*, notamos como o comportamento atual está estreitamente comprometido com nossa vivência infantil. A escolha do paciente de não entrar em contato com outras pessoas coaduna-se com o comportamento envolvido no mundo atual em que vive, no qual o assassinato é severamente punido, assim como se punia culpabilizando-se de atos que, porventura, pudesse ter praticado.

As condições de vida da sociedade impedem, em muitos casos, a vida sadia daqueles que não conseguem se adaptar conforme às exigências da civilização²¹, a partir de sublimações ou da substituição do prazer proibitivo por meio de formações reativas, realizando nos sintomas, ou punindo-se com a autoridade do superego o que foi impedido de ser consumado na infância de acordo com a intensidade do princípio de prazer. Daí, atualmente, ou procuram realizar esses desejos a partir das exigências da civilização criando formas vivenciadas em sociedade, como a parcimônia, a avareza, a obstinação, etc., ou são passivos, defendendo-se da exigência sexual com uma série de sintomas paralisantes, ou seja, conforme nos mostram os casos de histeria (Freud, 1988a). Também podem partir para a atividade, denominada de ‘perversão’, sob a qual procuram gratificar-se com alguma forma substitutiva de prazer, rejeitando o recalque, próprio da neurose.

Essa relação de sintomas com a civilização, podemos observar melhor na neurose obsessiva e na fixação anal, quando a finalidade sexual deixa de ser um fator essencial. Freud afirma que na infância, no desenrolar do desenvolvimento libidinal, com a exigência de controle imposta pela civilização, o erotismo anal, antes dotado de propósito sexual, é sublimado e adquire traços de caráter, como a ordem, a parcimônia e a obstinação (Freud, 1988c).

Segundo o estudo realizado por Freud, os indivíduos que desenvolvem esses traços de caráter são aqueles que, na primeira infância, procuram permanecer por longo tempo no penico buscando, com isso, certo prazer no ato de reter as fezes. Ao assumirem a vida adulta, os traços, acima citados, substituem o caráter sexual que era dominante na infância. Integram-se assim às exigências civilizatórias a partir de características constantes, e que definem o caráter, a forma de estar em sociedade.

Por fim, podemos tentar responder à questão: ‘Há uma ética em Freud, semelhante ao que discutimos em Peirce?’ As diferenças são grandes, mas podemos dizer que o denominado ‘comportamento correto’, em Freud, estaria na tentativa de o indivíduo se integrar à sociedade a partir do conhecimento de seu problema,

²¹ Segundo Souza (2013), essa ideia é abordada em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (Freud, 1988d). O autor afirma, conforme Freud, que a civilização somente seria possível a partir da renúncia pulsional. Por conseguinte, o representante dessa moral seria o obsessivo.

procurando refazer a sua história apoiado na reconstrução de seu passado libidinal.²² Com isso, busca-se solucionar os sintomas, tornando o indivíduo consciente de seus desejos infantis. Ele passaria a ter acesso a seus pensamentos catexizados com afeto e poderia compreender o sentido que possuem para a sua personalidade. Nisso consiste a ‘cura’, ou seja, “[...] a substituição do irracional (Id) pela razão (Ego)” (Fromm, 1969, p. 59).

O indivíduo que esteja à mercê de suas fixações infantis, das fases pré-edípicas, é impedido de adaptar-se satisfatoriamente à sociedade, uma vez que sua participação ativa é constantemente cobrada. Com a integração, em muitos casos, o conflito persiste. Em conclusão, podemos dizer que a civilização ou cultura, como Freud denomina nos textos mais antropológicos, exige em demasia da vida instintual, desenvolvendo conflitos.

É frequente a busca de solução para seus conflitos no comportamento regrado e repetitivo, como podemos observar na prática religiosa (Freud, 1988b). O comportamento repetitivo e as ideias obsessivas não deixam o indivíduo encontrar um meio sadio de satisfação, mas apenas através da doença constituída, que pode beneficiar o doente com uma gratificação primária ou/e secundária (Laplanche & Pontalis, 2001). A vigilância do superego, com sua notória rigidez, está sempre atenta ao menor *flash* de pensamento proibitivo, contestando, de imediato, com o aparecimento da ansiedade e punição. Portanto, para viver de modo a obter satisfação seria preciso superar as condições pré-edípicas e edípicas, buscando, com isso, experiências das quais os relacionamentos envolvem a plena participação do outro, conforme afirma Fromm (1969), satisfações de um caráter propício com o intuito de estabelecer vínculos sadios com o outro além de se tornar um indivíduo produtivo, ou seja, ser ativo em termos de produzir porque não foi impedido de expandir-se a partir do amor genital. Por fim, para concluir com Fromm (1969, p. 141): “Ama-se aquilo porque se trabalha e trabalha-se por aquilo que se ama”. Nesta frase, deparamos com o que entendemos de uma ética em Freud, ou seja, o indivíduo que não supera suas fixações infantis, incapaz de superar sua condição pré-edípica e edípica, adquire um caráter negativo em relação a uma existência mais plena de satisfação. Com efeito, podemos observar a conduta negativa do indivíduo que não cresce a partir da reflexão, superando a crença dogmática, ou a libertação de suas fixações infantis a partir do conhecimento de si, buscando, com isso, integrar-se à sociedade.

Considerações finais

Com Peirce, abrimos a discussão a contar de seus primeiros escritos, sem, no entanto, adentrar em sua fenomenologia e nas ditas ciências normativas, nas quais encontraríamos a estética, a ética e a lógica (semiótica), inseridas num universo mais abrangente do desenvolvimento de sua filosofia. Partimos da concepção de conduta errônea em relação à ciência ou à crença, a qual, crença, corresponde à nossa ação habitual frente ao real. Ficou claro que o indivíduo isolado é a fonte do erro, uma vez que se atém à sua imaginação sem recorrer ao método científico, cujas concepções retira do contínuo de relações sgnicas aceitas pela comunidade de seres que pensam através de signos. Somente a comunidade pode alcançar a verdade do real a partir da crítica constante de seus resultados, conduzidos além da finitude humana. Assim, utilizar o método científico aceitando os resultados da comunidade é, a nosso ver, uma atitude ética. Por outro lado, Freud, criador da psicanálise, tida por muitos como “contraciência”, também possibilita uma análise ética, conforme observamos em sua atitude para com a própria cura analítica, ou seja, permanecer orientado por nossos impulsos primários, a partir do princípio de prazer, não seria assumir uma atitude madura frente à vida, o relacionamento. Da mesma forma, também notamos a questão discutida por Fromm (1969), na qual afirma que o homem que não ama e não produz é um indivíduo não integrado à sociedade. Ora, em Freud, podemos fazer a mesma ilação, uma vez que a falta de domínio de seus impulsos conduz a comportamentos inapropriados frente à plena satisfação, atingida com o relacionamento maduro, restrito ao princípio de realidade. A civilização exige isso de todos nós, mas o parco domínio de conflitos e, especialmente, da agressividade por parte de muitos, é prejudicial à própria sociedade.

Enfim, a questão da conduta correta em ambos os autores está no abandono do isolamento, o qual conduz ao comportamento repetitivo e dogmático, contrário à aceitação das hipóteses elaboradas pela comunidade e a própria reflexão, que confere dinamismo à nossas concepções. Em Freud, notamos que o indivíduo que não se integra vive um estado patológico, e que a psicanálise o levaria a compreensão de seu problema, possibilitando-lhe uma existência mais rica em termos de convivência humana, suspendendo suas exigências

²² Na concepção de uma ética, Fromm (1969, p. 39) afirma: “A virtude consiste na responsabilidade perante a existência. O mal reside na mutilação das forças humanas; o vício é a irresponsabilidade para consigo mesmo”.

instintuais imediatas a fim de as liberar conforme a determinação do princípio de realidade. Tal atitude pode ser considerada ‘correta’ sob o ponto do relacionamento sadio do indivíduo, o qual interage com a comunidade, procurando conhecer e combater suas tendências irracionais.

Referências

- Apel, K-O. (1982). C. S. Peirce and the post-tarskian problem of an adequate explication of the meaning of truth: towards a transcendental-pragmatic theoría of truth, part II. *Transactions of Charles S. Peirce Society*, 18(1), 3-17.
- Apel, K-O. (1985). De Kant a Peirce: la Transformación semiótica de la lógica trascendental. In K-O Apel, *La transformación de la filosofía: el a priori de la comunidade de comunicación* (Tomo II, p. 149-208). Madrid. ES: Taurus.
- Crelier, A. (2007). Los aspectos éticos de la comunidad en Charles S. Peirce. *Ideas y Valores*, 56(134), 1-10.
- DeMarco, J. P. (1971). Peirce’s concept of community: Its development & change. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, 7(1), 24-36.
- Freud, S. (1987a). A interpretação de sonhos. In S. Freud, *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. IV). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1987b). A interpretação de sonhos. In S. Freud, *Edição standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. V). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1988a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. VII, p. 117-229). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1988b). Atos obsessivos e práticas religiosas. In S. Freud, *Edição standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. IX, p. 105-117). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1988c). Caráter e erotismo anal. In S., Freud, *Edição standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. IX, p. 155-164). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1988d). Moral sexual ‘civilizada’ e doença moderna. In S. Freud, *Edição standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. IX, p. 165-186). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1995). O interesse científico da psicanálise. In S. Freud, *Edição standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. XIII, p. 165-192). Rio de Janeiro. RJ: Imago.
- Fromm, E. (1969). *Ética e psicanálise*. Lisboa, PT: Editorial Minotauro.
- Haack, S. (1982). Descartes, Peirce and the cognitive community. *The Monist*, 65(2), 156-181.
DOI: <https://doi.org/10.5840/monist198265214>.
- Haack, S. (2001). Viejo y nuevo pragmatismo. *Diánoia*, XLVI(47), 21-59.
- Ibri, I. A. (1992). *Kósmos Noétos: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo, SP: Perspectiva/Hólon.
- Ibri, I. A. (2020). O crepúsculo da realidade e a ironia melancólica do sucesso brilhante e duradouro: reflexões sobre os interpretantes emocionais e lógicos nos modos peircianos de fixação das crenças. In: I. A. Ibri, *Semiótica e pragmatismo – interfaces teóricas* (Vol. 1,p. 231-144). Marília, SP: Oficina Literária/São Paulo: Cultura Acadêmica/FiloCazar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Liszka, J. (1978). Community in C. S. Peirce: science as means and as an end. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, 14(4), 305-321.
- Misak, C. J. (1991). *Truth and the end of inquiry: a peircean account of truth*. New York, NY: Oxford University Press.
- Murphey, M. G. (1961). *The development of Peirce’s philosophy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Peirce, C. S. (1866). Consciousness. In P. Weiss. (Ed.). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. VII, p. 313-358). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Peirce, C. S. (1867). On a New List of Categories. In C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. I, p. 287-305). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Peirce, C. S. (1868a). Questions Concerning Certain Faculties Claimed for Man. In C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. V, p. 135-155). Cambridge, MA: Harvard University Press.

- Peirce, C. S. (1868b). Some Consequences of Four Incapacities. In C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. V, p. 156-189). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Peirce, C. S. (1868c). Grounds of Validity of the Laws of Logic: Further Consequences of Four Incapacities. In C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. V, p. 190-222). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Peirce, C. S. Fraser's Edition of the Works of George Berkeley. In C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. VIII, p. 9-38). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Peirce, C. S. (1877). The Fixation of Belief. In C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. V, p. 223-247). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Peirce, C. S. (1878a). The Doctrine of Chances. In C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. II, p. 389-414). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Peirce, C. S. (1878b). How to Make our Ideas Clear. In C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. V, p. 248-271). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Peirce, C. S. (1894/1895) The categories in detail. In C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. I, p. 148-180). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Peirce, C. S. (1897) Notes on Scientific Philosophy. In C. Hartshorne & P. Weiss (Eds.), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. I, p. 59-72). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Potter, V. G. (1997). *Charles S. Peirce: on norms and ideals*. New York, NY: Fordham University Press.
- Santaella, L. (1992). *A assinatura das coisas: Peirce e a literatura*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Silveira, L. F. B. (2014). Pensamento científico e experiência cotidiana: uma leitura de Charles Sanders Peirce. In L. F. B. Silveira, *Incursões semióticas* (p. 157-167). Campinas, SP: Unicamp.
- Silveira, L. F. B. (2007). *Curso de semiótica geral*. São Paulo, SP: Quartier Latin.
- Souza, R. J. A. (2013). Neurótico obsessivo entre o mal constitutivo e a moral civilizatória. *Estudos de Psicanálise*, 1(39), 1-06.